

PAIXÃO E MORTE DA PROFISSÃO MÉDICA “SÓ NÃO ERRAM OS QUE NADA CONSTROEM”

Assaf Hadba¹

A compreensão e o desenvolvimento deste tema jamais teriam sido possíveis, não fora o amor à Medicina e às suas verdades que, inculpidas nas tradições, me permitiram percebê-lo e revelá-lo.

Autor de sua própria história, o homem é consciência e vontade e se constitui no centro de elaboração, ligação e articulação das relações sociais, dando cada um o resultado de sua contribuição à harmonia e estabilidade sociais. Para o médico esta contribuição são o efetivo carinho e dedicação daquele que, ao vincular-se, é capaz de amar sem exaurir as reservas de amor que o exercício da profissão impõe. A posição que sempre obteve, a profissão médica, privilegiada entre as outras atividades profissionais, deu-lhe altitudes de sacerdócio, chegando a ser quase impassível de responsabilidade, porque, acima dela, se submetia às sacramentais exigências de seu próprio ministério.

O próprio conteúdo laborativo da medicina não permite qualquer atitude menos carinhosa e diligente do profissional para encontrar o equilíbrio saudável do corpo e da alma. A importância deste objetivo chega a ser de tal ordem sublime que torna inabordável o íntimo de qualquer profissional, por aqueles que nunca estiveram, como médicos, diante dos problemas que atordoam e confundem a consciência.

A circunspeção, muitas vezes entendida como frieza do profissional, desaparecia quando o estado de necessidade, o sofrimento do corpo e da alma do paciente solicitassem a sua ajuda. Em quantas oportunidades o médico se via instintivamente irmanado aos padecimentos com ações

extracurriculares que o realçavam cada vez mais como um ser de força além do natural.

Somente esta capacidade interior, com poder de observar e muitas vezes a absorver os sofrimentos, as alegrias e decepções, dava a cada profissional a oportunidade de pensar em medicina como vocação e depois como profissão. Tão respeitável era o conceito do profissional médico, que a glória e a reputação auferidas, com tantas vantagens para a humanidade, jamais eram comprometidas quando um ou outro médico falhava em seu título de “Doutor”.

O evoluir das necessidades, associado ao amor à diligência e à missão laborativa da profissão médica criou, para segurança e tranqüilidade dos seres vivos, o médico de família, o conselheiro, o amigo, o homem bom.

Este médico que, em muitas oportunidades, apenas com sua presença, uma palavra, um gesto cortês ou um conselho, transformava a dor, o sofrimento de pais e mães desesperados, em alegrias e dulcíssimas esperanças. Noutras vezes, eram pacientes quase perdidos que volviam para a vida, incrustando-se novamente no contexto social para contribuir com a humanidade. Era aquele médico que, com a mesma austeridade e dedica-

1 Médico, Diretor de Previdência da Associação Paulista de Medicina, Diretor de Defesa de Classe da Sociedade Brasileira de Colo-Proctologia

— Proibida a reprodução total ou parcial para fins comerciais

ção, servia, com a mesma ciência, a família rica ou pobre. Aos ricos cobrava os honorários do seu trabalho, aos pobres dava muitas vezes dinheiro ou recebia frangos e cabritos.

Acreditar na natureza criadora, penetrar no amor e no sofrimento dos homens sem jamais perder a esperança de ver a luz brilhar além das montanhas é vocação profética daqueles que se obrigaram a curar a doença e mitigar a dor. Essa era e deve ser a missão, a sagrada missão.

Na formação do profissional da medicina nascem, simultaneamente, o cientista e o médico; o primeiro, fruto do estudo, observações, aprimoramento técnico, teórico ou prático e o segundo, integrado à comunidade, burila e estimula o espírito para atender com amor, dedicação, e até mesmo sacrifício, os seus semelhantes nos momentos da doença ou fora deles. Este médico do passado, por sua respeitabilidade, credibilidade e pelos poderes que lhe eram dedicados, foi a estrutura básica da nossa profissão, pois soube aprender e aplicar em favor da humanidade a sua sublime missão.

“Segundo São Lucas, os deuses jamais disseram o significado da existência do homem, porém cada um de nós pode dar um significado à sua própria vida. O que dei à minha, dizia ele, foi de aliviar a dor e o sofrimento, salvar os moribundos e evitar a intromissão da morte”.

Aluisio de Castro, quando realçava em Miguel Couto o símbolo do médico de família, dizia com muita propriedade a respeito do ilustre médico: “Voltado a clínica por irresistível vocação, sublimou o sacerdócio na constante e desvelada assistência ao sofrimento”.

“Não se conhece no Brasil exemplo tão dilatado, tão intenso e tão merecido prestígio clínico. Nele estava a bondade verdadeira, a única digna desse nome: a virtude integral que traz em si todas as outras.”

“Ele viveu de fato na medicina, praticando-a, apostulando-a, ensinando-a e glorificando-a.”

Por seu turno **Miguel Couto** dizia com muito orgulho: “Entro nas famílias no 1º dia como estranho; no 2º como amigo e no 3º como irmão mais velho, e conselheiro”.

Francisco Assis Barbosa, em retrato de família, num grande instantâneo íntimo, mostra as confissões de D^{ca} **Cotinha** esposa de **Miguel Couto**, a **Humberto de Campos**, quando dizia: “O meu trabalho, quando morre algum cliente de Miguel, é tirar-lhe do bolso os lenços ensopados de lágrimas. E o pior, é que ele traz os dele e ainda os dos filhos e da viúva do defunto”.

Os fundamentais instantes de dar significado à vida transportam o médico ao mundo metafísico

e segundo **Cícero**, o grande poeta romano, “nada mais aproxima o homem de Deus do que dar saúde aos outros homens”. Ainda para **Miguel Couto**, a nossa profissão é a mais nobre e a mais útil. Se, às vezes, decai, é porque os seus próprios cultores a enfraquecem.

Este é o retrato da profissão, fiel, verdadeiro e perene, porém, lentamente, sem mesmo se aperceberem, os cultores da medicina foram enfraquecendo-a para a agonizante posição que hoje nos estigmatiza.

A morte da profissão médica, ferida no encéfalo, com vida inteiramente vegetativa, é o maior crime que se comete contra o ser humano, num total e irresponsável desprezo pela vida.

Sem atentarem para os terríveis riscos futuros, os médicos foram aceitando a “Generosidade” do Estado, que oferecia melhores oportunidades imediatas e imediatistas, através de empregos e do que parecia ser uma amplificação do mercado de trabalho e uma otimização do exercício profissional.

As exigências da sociedade, agravadas por intenções demagógicas e populistas no que se refere à assistência médica, levaram o governo de ontem, e vem se impondo ao de hoje, a procurar mão-de-obra barata ou a baratear a mão-de-obra, transformando os cargos públicos para médicos em simples “bicos”.

Ao mesmo tempo, eram criadas novas escolas de medicina, sem ao menos se atentar para as necessidades mínimas de um ensino de tamanha magnitude e conseqüência. Passamos, então, a formar 9.600 médicos por ano. Dadas as poucas condições de infra-estrutura do interior brasileiro, a grande maioria dos recém-formados permanecia nas capitais e nas grandes cidades, onde a oferta de empregos era sempre maior. No evoluir das coisas, o emprego, tido como bico de ontem, tornou-se a base de hoje, cristalizando-se a má distribuição da mão-de-obra médica subassalariada e desengrandecida.

Para o desencanto dos jovens médicos, que deixam as escolas sedentos de esperanças, ao invés de encontrarem a livre escolha estimulante e renovadora, deparam-se com um emprego ou subemprego, para subsistir, desnaturando-se totalmente o verdadeiro exercício do ministério médico.

São eles tragados pela desumana estrutura materialista que impiedosamente os robotiza, tirando-lhes a principal qualidade do seu vínculo que é o amor.

O nome, a reputação do médico, são o fortalecimento maior da medicina e a segurança de uma sociedade. Hoje, sem nome, despersonalizado,

esmagado pela estrutura atual, nivelou-se por baixo, executando uma medicina de sofrível padrão e levando a profissão ao descrédito.

O médico, sem nome e o paciente, um número, aquele se distanciando de uma verdadeira vocação, anseios e objetivos e este, sem o direito de escolha na desastrosa estrutura que é obrigado a pertencer, transformaram a doença e o doente em doloroso produto de mercantilização.

Diferente do passado, onde o consultório era a trincheira principal, onde o respeito ao profissional chegava às raias do sacrossanto, hoje sem consultório, marginalizado e agredido pela sociedade de consumo a exigir mão-de-obra barata ou meramente instrumental, tiraram-lhe a noção do sagrado dever, emascularam-lhe todas as aspirações, silenciaram-lhe o verdadeiro trabalho sem ao menos uma declaração de finalidade, obrigando-o ao corre-corre da escalada do cifrão. Pobre médico, que melancólica posição de subordinação, obrigado a aceitar o rompimento das relações médico-paciente e chegando a acreditar que as afeições românticas e repletas de enternecimento são figuras de retórica. Muitos são empregados das tristes empresas médicas em que o empresário empregador, na mais infeliz das realidades, pela manhã imita o apóstolo beijando o mestre e, à noite, tilintando as moedas da bolsa, prega o beijo da traição.

O médico de hoje paga caro o preço da massificação, pois perdeu as razões de estímulo para o aprimoramento técnico e a motivação para a própria evolução espiritual diante do infortunado nivelamento por baixo a que se vê obrigado.

A troca da qualidade do atendimento médico pela quantidade exigida pela estrutura atual é crime de omissão e de total desrespeito aos

maiores bens jurídicos do ser humano, vida e saúde.

Tornaram-se, médicos e sociedade, vítimas de um mesmo sistema que, por muito prometer, pouco pode cumprir e cumprindo pouco, sempre o faz à custa de ambos, médicos e sociedade.

Dentro deste quadro desolador e até mesmo comprometedor, existe, entretanto, uma elite de médicos inteiramente desvinculada da estrutura monopolizante, sem os vícios do nivelamento por baixo, independente e somente compromissada com a medicina.

A eles, que ainda conseguem exercer a medicina como uma atividade missionária, resistindo, com tenacidade e valor, ao generalizado desvirtuamento, dirigimos a nossa homenagem, a nossa esperança e um fervoroso apelo, no sentido de que, juntos, com a autoridade que possuem, lancem-se à luta contra as condições adversas e inadequadas impostas à prestação da assistência médica, transformada, quase que integralmente, em uma das tentaculares atividades estatais, perdida a humana e generosa liberdade profissional.

A esses médicos, cabe, sem dúvida, neste instante decisivo, o mais nobre e destacado papel, o de ressuscitarem a profissão médica que tão missionariamente souberam exercer. Esse grito de alerta, o chamamento das autoridades constituídas para a realidade do terrível perigo da falência da profissão médica, são as fundadas esperanças da juventude de agora para um futuro, mais digno ou não tão aviltante.

Ao terminar parafraseando ao grande democrata do século XX, John F. Kennedy, diríamos:

— Se a comunidade médica que é liberal não puder ajudar os muitos oprimidos, não poderá jamais salvar os poucos que são livres.